

Perspetivas Contemporâneas de Formação de Professores: Lições do Projeto MAIA

Eusébio André Machado
(Equipa Central do Projeto MAIA)
Seminário Nacional do Projeto MAIA | 2021



Cofinanciado por:





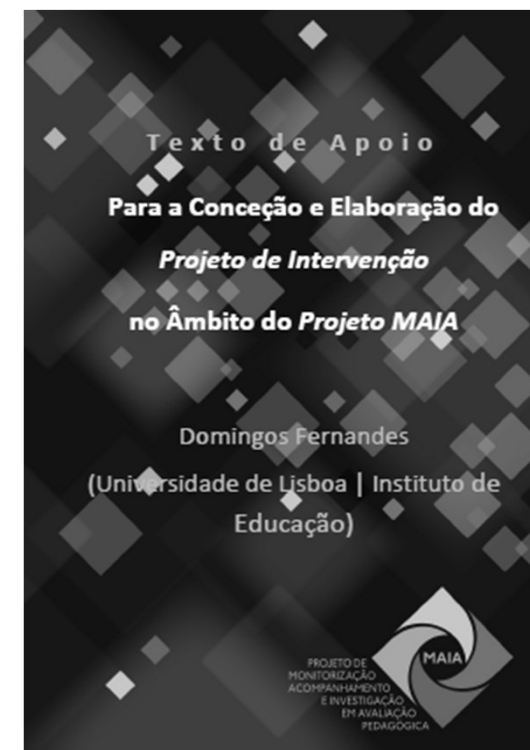
Sumário

- 1. A *Teoria da Atividade*: fundamentos para uma perspectiva contemporânea da formação de professores**
- 2. O Projeto MAIA numa perspectiva sincrónica: o “sistema de atividade”**
- 3. O Projeto MAIA numa perspectiva diacrónica: a “sequência de ações de aprendizagem”**
- 4. Lições do projeto MAIA: extrapolações e intrapolações para a formação de professores**



Notas prévias

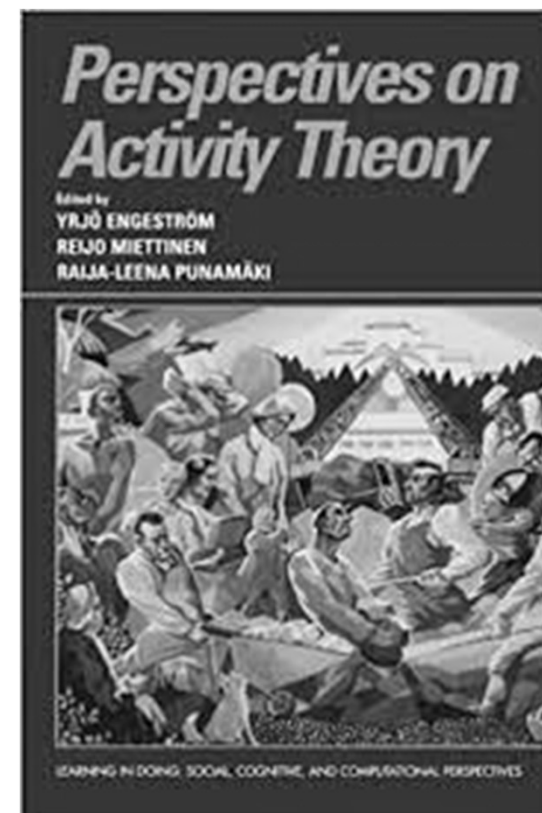
1.^a nota: esta apresentação procura continuar, de forma aplicada, a reflexão sobre a formação de professores encetada, no âmbito do Projeto MAIA, pelo Texto de Apoio “Para a Conceção e Elaboração do Projeto de Intervenção no Âmbito do Projeto MAIA”, em particular a secção 6. - *Para um Enquadramento da Formação de Professores* (Fernandes, Machado & Candeias, 2020, pp. 151-157).





Notas prévias

2.^a nota: o principal referencial teórico convocado é a *Teoria da Atividade(TA)* desenvolvida por Engeström, embora segundo um propósito meramente heurístico e seminal, sendo que a sua pregnância para efeitos de análise, compreensão e configuração da formação de professores depende do aprofundamento do estudo e da sua aplicação a contextos específicos, como o Projeto MAIA.





A Teoria da
Atividade:
fundamentos para
uma perspectiva
contemporânea
da formação de
professores

A Teoria da Atividade

- Baseada nos trabalhos da “teoria da atividade histórico-cultural”, quer da 1.ª geração (Vygostky), quer da 2.ª geração (Leontiev), a Teoria da Atividade (TA) proposta por Engeström assume como tarefa central *a compreensão das relações dialéticas entre cada pessoa e a estrutura social*;
- Propõe uma racionalidade alternativa que põe em causa a visão reificada, dualista e determinista das estruturas sociais e acentua o *poder de agência dos sujeitos através de atividades coletivas* no contexto da complexidade das transformações sociais;
- Desenvolve ferramentas conceituais para *perceber o diálogo, as múltiplas perspectivas e as redes da interação dos sistemas de atividade (SA)* num contexto internacional de diversidade e de diálogo entre diferentes tradições ou perspectivas;



A Teoria da
Atividade:
fundamentos para
uma perspectiva
contemporânea
da formação de
professores

A Teoria da Atividade

- Reformula as visões comuns da aprendizagem como processos de aquisição de conhecimentos e competências estáveis e razoavelmente bem definidos, argumentando que os processos de aprendizagem correspondem à construção de “objetos” instáveis que não estão definidos previamente;
- Advoga a teoria da “aprendizagem expansiva”, segundo a qual as mais importantes transformações nas nossas vidas pessoais e nas práticas organizacionais correspondem a um processo de *aprendizagem de novas formas de atividade que ainda não foram criadas*;
- Considera que o objeto da atividade da “aprendizagem expansiva” é o SA inteiro com o qual os aprendentes estão comprometidos, produzindo novos padrões de atividade.



A Teoria da
Atividade:
fundamentos para
uma perspectiva
contemporânea
da formação de
professores

A *Teoria da Atividade* pode ser resumida em cinco princípios (Engeström, 2001, pp. 134-137):

1.º o sistema de atividade (SA) como unidade de análise.

A *unidade de análise* é o SA coletivo, mediado por artefactos e orientado por (para) um objeto, sendo considerado na sua rede de relações com outros sistemas de atividade;

2.º a multivocalidade.

Os SA são *multivocais*, constituindo comunidades com múltiplos pontos de vista, tradições e interesses. A multivocalidade é amplificada nas redes de interação de SA, gerando problemas, inovação, ações de tradução e negociação;



A Teoria da
Atividade:
fundamentos para
uma perspectiva
contemporânea
da formação de
professores

3.º Historicidade

Os SA formam-se e transformam-se através de *longos períodos de tempo*: os problemas e as potencialidades de um SA só podem ser percebidos tendo em conta a sua própria história;

4.º Contradições

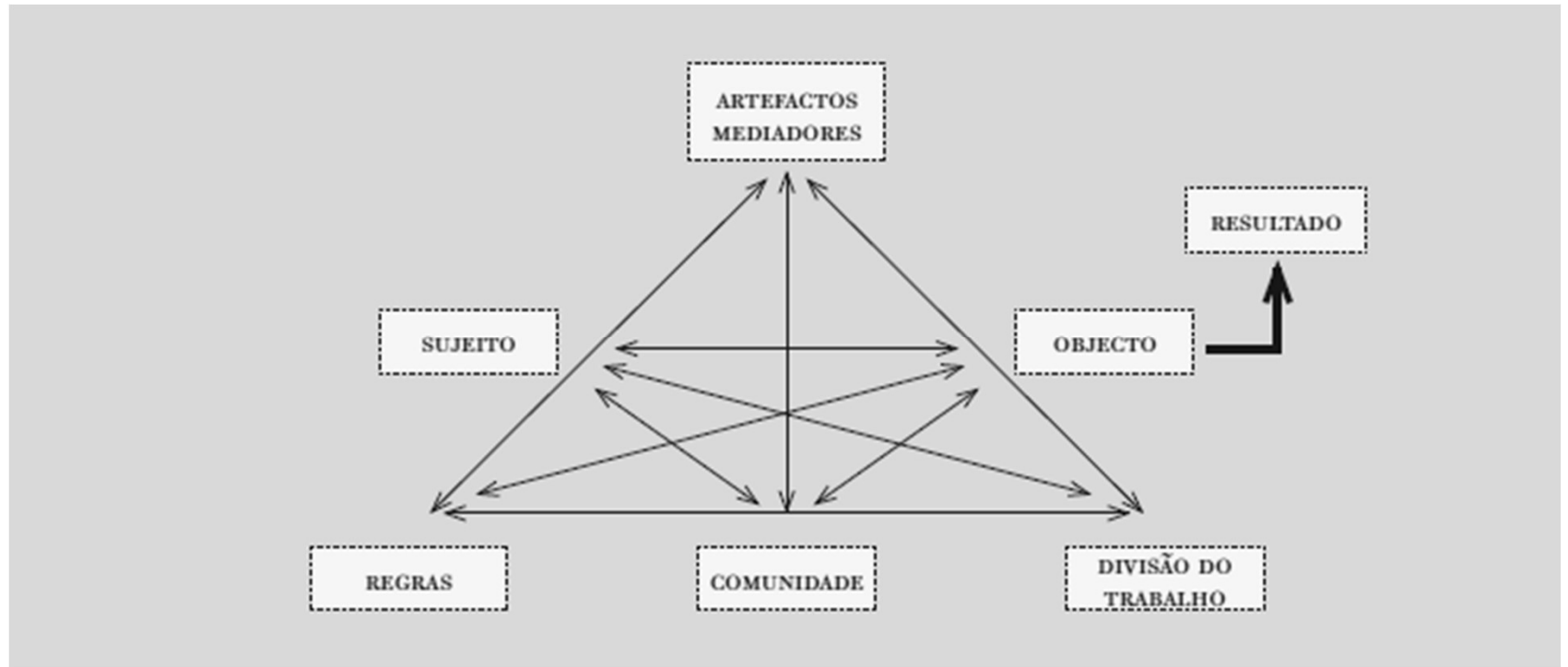
As *contradições* têm um papel central como fontes de mudança e de desenvolvimento, podendo gerar distúrbios e conflitos, mas também tentativas inovadoras para mudar a atividade;

5.º Ciclos expansivos

Os SA desenvolvem-se através de ciclos relativamente longos de *transformações expansivas*: quando as contradições de um SA são agravadas, alguns indivíduos questionam-se e desviam-se das normas estabelecidas (“prática revolucionária”).



**2. O Projeto MAIA
numa perspetiva
sincrónica: o
“sistema de
atividade”**



Representação de um sistema de atividade (adaptado de Engeström, 1999, p. 31).



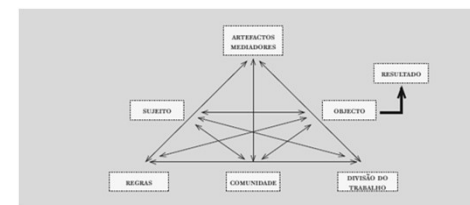
2. O Projeto MAIA
numa perspetiva
sincrónica: o
“sistema de
atividade”

SISTEMA DE ATIVIDADE

a) o **objeto** que constitui o elemento em relação ao qual se dirige a atividade humana e que se transforma em resultados com o auxílio de pensamentos físicos e simbólicos, externos e internos

PROJETO MAIA

a) o **objeto - avaliação pedagógica** - para o qual a atividade de formadores e formandos é dirigida para se transformar num dado resultado (**Projeto de Intervenção**) através de ações práticas pensadas, externas e internas





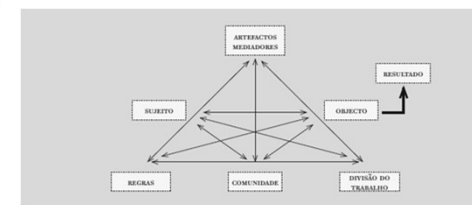
2. O Projeto MAIA
numa perspetiva
sincrónica: o
“sistema de
atividade”

SISTEMA DE ATIVIDADE

b) o **sujeito** que
é o indivíduo, ou
grupo de
indivíduos, cujas
ações são
escolhidas como
os pontos de
vista de interesse
para a análise

PROJETO MAIA

b) o **sujeito**, neste caso os
formandos que integram
a oficina de formação e
cujas ações sobre o
objeto e a propósito dele,
constituem elementos
fundamentais para
efeitos do
acompanhamento e
análise da formação





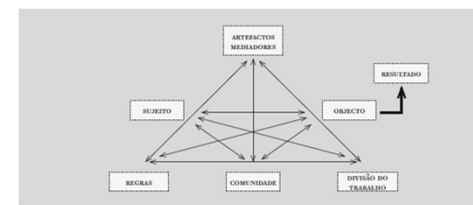
**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

**SISTEMA DE
ATIVIDADE**

c) Os artefactos mediadores que são os recursos culturais, os conhecimentos, os instrumentos e as ferramentas conceptuais considerados relevantes para as atividades a desenvolver no sentido de transformar o objeto

PROJETO MAIA

c) os artefactos mediadores que são os recursos culturais, os conhecimentos, os instrumentos e as ferramentas conceptuais considerados relevantes para agir sobre o objeto no sentido de o transformar, dando-lhe real sentido. **As Folhas e os Textos de Apoio**, assim como todas as referências consultadas em cada grupo, são exemplos de artefactos mediadores





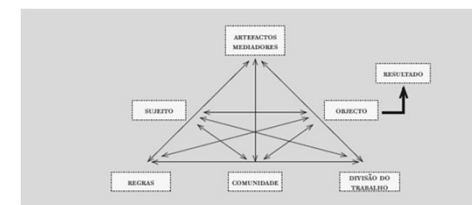
3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”

SISTEMA DE ATIVIDADE

d) as regras, que se referem a todo o tipo de normas, convenções e regulamentos, mais ou menos flexíveis, explícitos ou implícitos, que, no fundo, condicionam, limitam e regulam todas as ações e interações que ocorrem no interior do sistema de atividade para que o objeto se possa projetar nos resultados

PROJETO MAIA

d) as regras, que incluem todas as normas, mais ou menos explícitas e, em geral, todos os acordos sobre os modos de funcionamento que condicionam, limitam e regulam todas as ações e interações que se desenvolvem no sistema de atividade para que a **avaliação pedagógica** (objeto) possa ser integrada no **Projeto de Intervenção** (resultado)





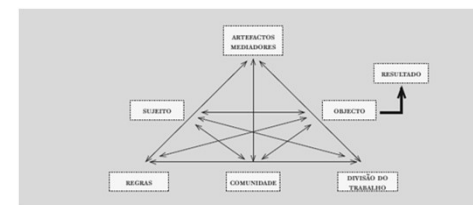
2. O Projeto MAIA
numa perspetiva
sincrónica: o
“sistema de
atividade”

SISTEMA DE ATIVIDADE

e) a comunidade é o elemento que congrega um número alargado e variado de indivíduos mais ou menos organizados, mais ou menos enquadrados, mais ou menos unidos, que partilham ou estão interessados no mesmo objeto

PROJETO MAIA

e) a **comunidade** que integra um número alargado de pessoas que também estão interessados na avaliação pedagógica (objeto) tais como os **formadores, os diretores dos agrupamentos/escolas, os responsáveis de departamento, os pais e encarregados de educação, os alunos e os professores** em geral



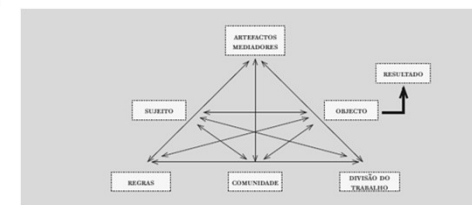


**2. O Projeto MAIA
numa perspetiva
sincrónica: o
“sistema de
atividade”**

SISTEMA DE ATIVIDADE
e f) a divisão do trabalho
que consiste na
distribuição de tarefas
entre os membros da
comunidade, assegurando
que os participantes
compreendam seus
papéis e, através deles,
possam conhecer o seu
campo de ação,
particularmente nas suas
relações com os outros,
com os artefactos e com o
objeto.

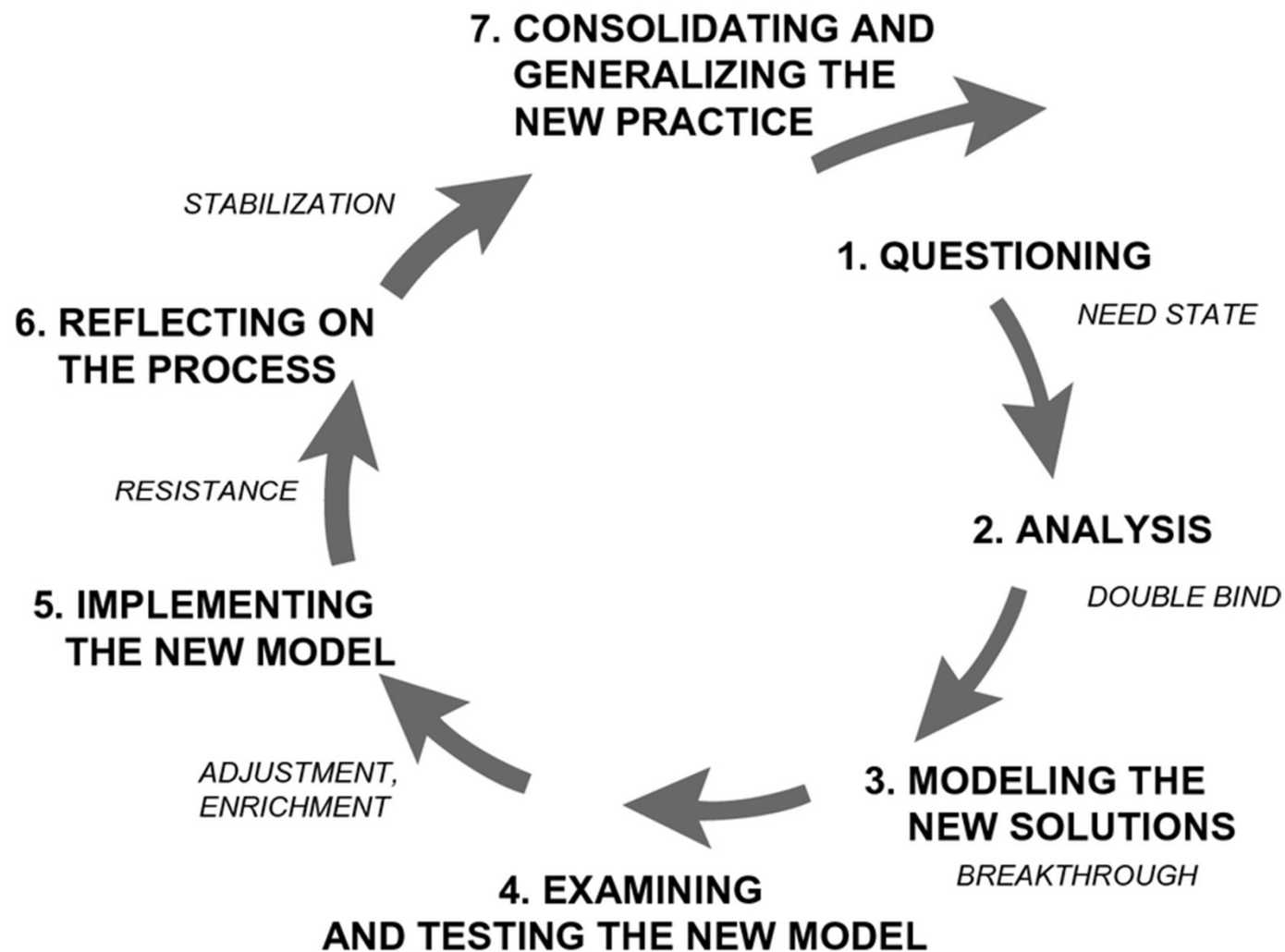
PROJETO MAIA

e f) a divisão do trabalho em
que são distribuídas as ações
que é necessário
empreender e são definidas
as responsabilidades e
papéis dos membros da
comunidade,
nomeadamente no que se
refere às suas relações com
os outros membros, com os
artefactos e com o objeto.






3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”



Sequência das ações de aprendizagem na “aprendizagem expansiva”
(Engeström, 1999a, p. 384)



**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
<p>1. Questionamento</p>	<p>O questionamento é o ponto de partida e deve resultar de uma necessidade que motiva a mudança. Se as questões e a motivação têm origem nos participantes dentro da organização (endogeneização), o compromisso será maior do que se tiverem origem numa entidade externa.</p>	<p>Identificação dentro de cada escola de um grupo de professores capazes de encetar o questionamento sobre as práticas pedagógicas da escola Realização de uma ACD, num processo “coletivo entre comunidades”, para a apresentação do “objeto de mudança”: a avaliação pedagógica. Nesta sequência, os “artefactos mediadores” passam a desempenhar um papel fundamental para agir sobre o objeto no sentido de o transformar.</p>



**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
2. Análise	<p>Análise do novo modelo a antes de serem implementadas as práticas correspondentes. Após a implementação, os participantes deve refletir nas práticas atuais antes da nova ser consolidada. Novas questões devem ser colocadas aos métodos atuais para ilustrar a prática de mudança.</p>	<p>No âmbito da Oficina de Formação os participantes refletem sobre as práticas atuais de avaliação das aprendizagem, confrontando-as com os dilemas das práticas. O processo de questionamento deve ser aprofundado em torno das práticas em vigor nas escolas. A realização das “pequenas intervenções” (“experiências formativas”) assume um papel central nesta sequência: é o início do confronto das práticas atuais com as novas práticas, sendo criados novos “artefactos” e “formas de prática” em conjunto.</p>



**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
3. Modelar a nova solução	<p>Modelar a nova solução consiste em encontrar relações explanatórias em formas públicas e observáveis. Esta sequência traduz-se na construção de um modelo explícito e simples da nova ideia que explica e oferece uma solução para a situação problemática.</p>	<p>No âmbito da Oficina de Formação, cada “comunidade de prática” de cada escola inserida na “comunidade de prática” da turma em formação elabora um Projeto de Intervenção, um “objeto não criado”, como resposta aos questionamentos e aos dilemas resultantes das “pequenas Intervenções”. A atividade de formadores e formandos é dirigida para se transformar o “objeto” num dado “resultado” (Projeto de Intervenção) através de ações práticas pensadas, externas e internas</p>




**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
<p>4. Examinar e testar o novo modelo</p>	<p>Examinar e testar significa uma orientação para a prática, executando, operando e experimentando o novo modelo de modo a se compreender plenamente suas dinâmicas, potencialidades e limitações. Nesta sequência, trata-se de realizar ajustamentos e melhorias através do confronto com a prática.</p>	<p>Os Projetos de Intervenção devem ser colocados em prática, tendo a sua concretização no contexto de um dado domínio, tema ou unidade didática de uma qualquer disciplina de um qualquer ano de escolaridade. Trata-se de uma sequência na qual o Projeto de Intervenção serve para examinar/testar as suas potencialidades, limitações, dificuldades e problemas. Na lógica da aprendizagem expansiva, o Projeto de Intervenção deve ser construído e reconstruído para ser objeto de ajustamentos e melhorias.</p>




**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
5. Implementar o modelo	<p>Implementar o modelo significa uma dinâmica de concretização através de aplicações, enriquecimentos e extensões conceituais. É uma sequência marcada pela emergência de resistências.</p>	<p>Trata-se de um momento crítico do desenvolvimento do Projeto MAIA enquanto processo de aprendizagem expansiva – a criação de novas formas de atividade, isto é, de novas práticas de ensino aprendizagem e avaliação. Nesta sequência desenvolve-se uma dinâmica de autonomia das escolas, confrontando-se com resistências e tensões resultantes da oposição entre as atuais e as novas formas das práticas. A implementação deve assentar na valorização da multivocalidade, nas comunidades de prática e no estudo.</p>



**3. O Projeto MAIA
numa perspectiva
diacrónica: a
“sequência de
ações de
aprendizagem”**

	Sequência da Aprendizagem Expansiva	Sequência da Formação MAIA
<p>6. Refletir sobre o processo</p> <p>7. Consolidar e generalizar a nova prática</p>	<p>Nestas sequências desenvolvem-se as ações de reflexão e de avaliação do processo, bem como na consolidação e generalização de novas formas de prática.</p>	<p>O desenvolvimento das novas formas práticas, na base de projetos de transformação, devem ser objeto de permanente reflexão e monitorização. A generalização das novas práticas deve ser encarada como um processo aberto de aprendizagem expansiva – as novas práticas precisam constantemente de ser construídas e reconstruídas.</p>



4. Lições do projeto MAIA: intrapolações e extrapolações para a formação de professores

Extrapolações – hipóteses para uma transformação da formação de professores

- ***A agência dos participantes*** – os participantes não se limitam a receber um “objeto”, como um objeto reificado e cristalizado, mas transformam-no num resultado, um objeto em mudança e construção pelos sujeitos em comunidades e a partir de um envolvimento ativo.
- ***A ação reflexivo-prático*** – os participantes, encarados como agentes reflexivos, transformam o objeto num resultado através de “ações práticas pensadas”, num confronto em teoria e prática, entre abstrato e concreto, dando origem a uma ***transformação expansiva***.
- ***A necessidade de artefactos*** – os participantes apoiam a sua ação transformadora no estudo, na análise e na discussão de “artefactos culturais” que medeiam o processo de transformação do objeto num resultado.



4. Lições do projeto MAIA: intrapolações e extrapolações para a formação de professores

- ***A transversalidade do resultado*** – a transformação do objeto da formação traduz-se num resultado com implicações sistémicas, integradas e transdisciplinares, evitando o seu encerramento em esferas individuais da ação.
- ***A transformação em comunidade*** – as “comunidades de prática”, de acordo com o sistemas de regras e em função da “divisão de trabalho” instituída, são as instâncias de trabalho colaborativo e de mediação da emergência de um resultado emancipatório, transformador e empoderador;
- ***A formação como mediação*** – o processo formativo é, na sua essência, o desenvolvimento de múltiplas mediações estabelecidas no âmbito do SA – *formar é mediar e o formador é um mediador, quebrando as barreiras que isolam a mente humana da cultura e da sociedade, o sujeito da comunidade, o abstrato do concreto.*



Intrapolações – hipóteses para uma melhoria da formação MAIA

- ***O empoderamento coletivo*** – a seleção dos formandos, a intervenção das lideranças e o trabalho colaborativo e, sobretudo, a instituição de “comunidades de prática” são indispensáveis para conferir ao resultado (o PI) sentido e efetividade para a transformação expansiva das práticas.
- ***A endogeneização da mudança*** – a emergência das soluções e das novas direções deve resultar de atividades dialógicas entre os participantes, com recurso aos “artefactos mediadores” para a externalização da mudança, sob pena de serem rejeitados.
- ***O reforço da experimentação*** – através das Pequenas Intervenções e de aplicação circunscrita dos PI elaborados pelos participantes para a sua esfera coletiva de ação, deve haver momentos para examinar e testar as potencialidades, limitações, dificuldades e problemas do “novo modelo”.

4. Lições do projeto MAIA: intrapolações e extrapolações para a formação de professores



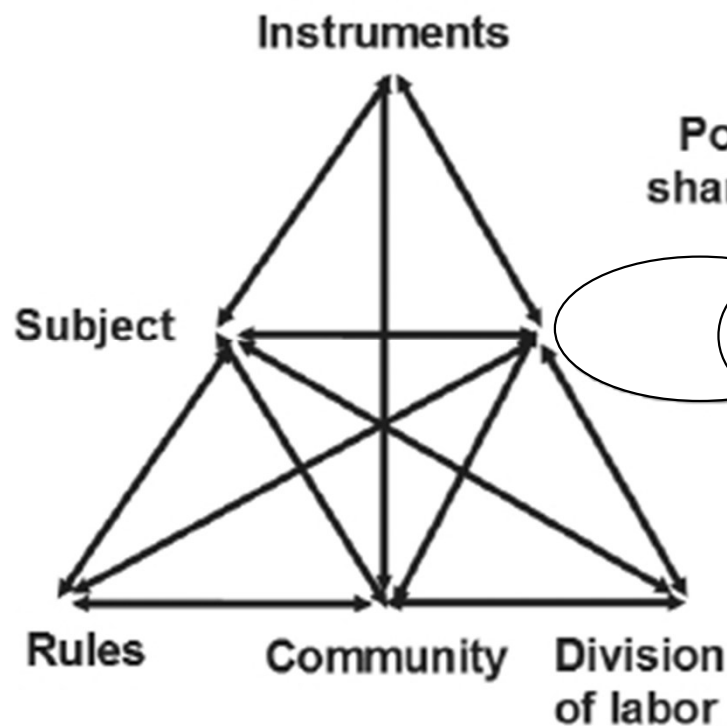
Intrapolações – hipóteses para uma melhoria da formação MAIA

- ***A apropriação da implementação*** – os sujeitos devem de aprofundar a implementação dos PI através um *questionamento apropriativo* em função do qual se passe de um processo de internalização para um processo de externalização, dando origem a novas práticas pedagógicas;
- ***A valorização da multivocalidade*** – as atividades de formação, sobretudo as OF, devem constituir comunidades com múltiplos pontos de vista, tradições e interesses, como tem sucedido ao longo do Projeto MAIA;
- ***A investigação da transferência*** – o objeto partilhado entre os sistemas de atividade da formação e os sistemas de atividade das escolas – os PI – precisam de ser analisados nos seus impactos, efeitos e transformações no que respeita às mudanças desejadas.

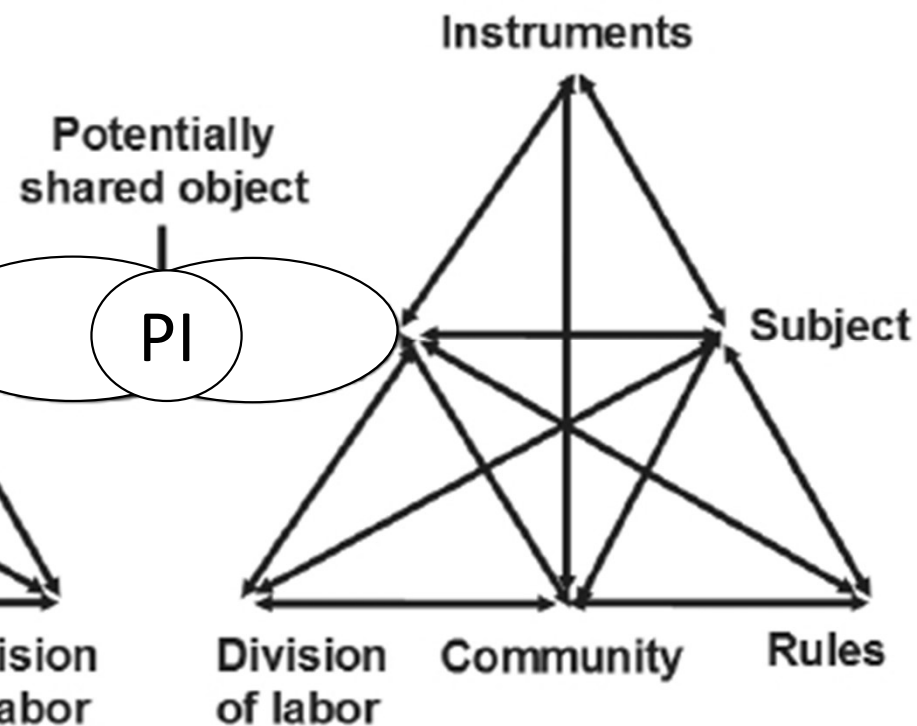
4. Lições do projeto MAIA: intrapolações e extrapolações para a formação de professores



Sistemas de atividade do Projeto MAIA



Sistemas de atividade das escolas



Potentially shared object

PI

4. Lições do projeto MAIA: intrapolações e extrapolações para a formação de professores

(Engeström, 2001, adaptado)



“Para mudar as práticas no sentido de uma avaliação mais formativa, menos seletiva, talvez se deva mudar a escola, pois a avaliação está no centro do sistema didático e do sistema de ensino. Transformá-la radicalmente é questionar um conjunto de equilíbrio frágeis.”

Perrenoud (1999, p. 145)

“Talvez seja útil tentar olhar para a sociedade mais como uma rede de camadas múltiplas de sistemas de atividade interconectados e menos como um pirâmide de estruturas rígidas dependentes de um único centro de poder.”

Engeström (1999b, p. 36)

**4. Lições do
projeto MAIA:
intrapolações e
extrapolações
para a formação
de professores**



Referências

Engeström, Y, Miettinen, R., & Punamäki, R.-L. (Eds.). *Perspectives on activity theory*. Cambridge University Press.

Engeström, Y. (1999a). Innovative learning in work teams: Analyzing cycles of knowledge creation in practice. In Y. Engeström, R. Miettinen, & R.-L. Punamäki (Eds.), *Perspectives on activity theory*. Cambridge University Press.

Engeström, Y. (1999b). Activity theory and individual and social transformation. In Y. Engeström; R. Miettinen & R.-L. Punamäki (Eds.), *Perspectives on activity theory* (pp. 19-38). Cambridge University Press.

Engeström, Y. (2001). Expansive learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization. *Journal of Educational and Work*, 14, 1, 133-156.

Fernandes, D. (2021). *Para um enquadramento da formação de professores. Texto de Apoio à formação - Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica (MAIA)*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Perrenoud, Ph. (1992). Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica. In Estrela, A. & Nóvoa, A. (dir.) *Avaliações Em Educação: Novas Perspectivas* (pp. 155-173). Educa.



Cofinanciado por:

